

## Resenha

### A impostura do mestre – The Master's imposture

PEREIRA, Marcelo Ricardo. **A impostura do mestre**. Belo Horizonte: Argymentvm, 2008.

Marcele Teixeira Homrich\*

Após a publicação do livro intitulado “*Bons professores e a psicanálise: o avesso do modelo*”, Marcelo Ricardo Pereira publica “*A impostura do mestre*”, que teve origem em sua tese de doutoramento em Educação pela USP, sob orientação do professor Dr. Leandro de Lajonquière. Abordando a esfacelamento da profissão docente, em que os professores tanto se queixam de sua desautorização, desvalorização e desrespeito, Marcelo vai fundo na discussão, penetra na psicanálise do vínculo social, passando pelo avesso laciano dos quatro discursos, pela ética do provisório, bem como pela dispersão materna do discurso pedagógico numa sociedade sem pai, chega à crise da autoridade política do professor e de quem governa o outro ou, mais exatamente, aquele que se coloca como impostor.

No primeiro capítulo, intitulado *A nostalgia do pai e a desautorização docente*, aborda o caminho que vai percorrer em seu escrito, alinhando o declínio do discurso do mestre e ao declínio de uma sociedade sem pai. Mostra seu percurso teórico de pesquisa, onde recorreu a Freud, especificamente aos textos ditos antropológicos, e outros textos que retomam a ideia freudiana, para estabelecer a conexão entre o mestre e sua impostura. Tomou como foco a noção de vinculação social a partir da psicanálise, antropologia e filosofia, com objetivo de explorar aquilo que ele domina ‘governo do outro’, como todo ato dirigido do mestre.

Intitulado “*No princípio foi ato*”, tomando como base o texto freudiano *Totem e Tabu*, o segundo capítulo abordará o pai morto a partir do mito da origem freudiano, o autor transitará a partir do *pai morto*, abordando o *pai encarnado* e analisando o *desenraizamento antropológico e a crítica ao mito freudiano*. Em *Totem e Tabu*, a organização social se dá a partir do pai morto, o pai só existe sendo morto e vivenciado em nível simbólico, dando origem à cultura e ao laço social. Sob a forma de mito, apoiando-se na concepção darwiniana de um tirano sexual que assombra os filhos de forma violenta, guardando as fêmeas e expulsando os filhos quando cresçam. Os filhos unem-se para matar o tirano,

\* Professora no Instituto Cenecista de Ensino Superior de Santo Ângelo, Santo Ângelo, Rio Grande do Sul, Brasil.

comem a carne do morto e passam a usufruir de seus poderes. O ato canibalesco gera poder e culpa, e os irmãos estabelecem um totem proibitivo e simbólico, então se instaura o pai simbólico. Os irmãos travam uma luta diária para que esse lugar fique vazio, ninguém pode substituir esse tirano, sob o risco de ser igualmente morto. Todos podem desejar esse lugar, mas ninguém pode ocupá-lo, sob o risco de destruir a ordem estabelecida. O pai nasce a partir da sua morte enquanto tirano e totalitário. Todo esse capítulo retoma a essência da escrita freudiana, possibilitando ao autor desenvolver sua proposta nos capítulos seguintes.

No terceiro capítulo, a transição *Do pai ao mestre* é introduzida a partir da discussão da *Carência do pai*, o autor aborda as reclamações que transcorrem no cotidiano sobre falta de autoridade ou, ainda, a falta de limites, onde se suplica por uma interdição, mas há um engano quando esse lugar é confundido com a figura masculina. O autor adentra nesta questão, sustentando-se pelos conceitos psicanalíticos, em que o lugar paterno não advém como figura real, mas sim como operador simbólico. Apresenta os conceitos de *pai real*, *pai simbólico* e *pai imaginário* e articulando-os no nó borromeano. Este último é o significante da figura paterna enquanto zero, contável e não contável, presente e ausente, fazendo nascer o Nome-do-Pai.

A *Invenção do mestre* é abordada no quarto capítulo, quando o autor fala sobre a necessidade que o ser humano tem de ser governado, dependente de muitos mecanismos de controle e de governos de si. Dentre essas formas encontra-se o mestre, guardião da cultura, sendo sempre mestre da palavra. É necessário um mestre para a transmissão da cultura, e esse deve ser reconhecido por outros mestres, porém esse reconhecimento é sempre artificial, provisório e impostor. O mestre não é o dono da palavra, mas apenas seu transmissor.

Ainda no quarto capítulo são trilhadas algumas ideias que estão na origem do pensamento de alguns autores (Georges Gusdorf, Jacques Rancière, João Adolfo Hansen, entre outros), para que se possa descortinar o princípio polissêmico do mestre. Finaliza este capítulo apresentando os quatro discursos (discurso sem palavras), denominados por Jacques Lacan de discurso do mestre, discurso da universidade, discurso da histórica, discurso do analista.

O *vínculo social e a maternagem pedagógica* é o tema do quinto capítulo. A partir de uma sociedade caracterizada pela ausência paterna, o autor faz pensar que a sociedade científica, ao adicionar o pai ao corpo real (chefes, políticos, professores...), anuncia como o declínio de uma sociedade do pai tão bem procede na nossa contemporaneidade. Essa virada moderna, esse acesso ao cientificismo contemporâneo, induzido também pela religião, nutriu no imaginário do homem a pretensão de que seriam deuses, pequenos deuses multiplicados, “deuses de prótese”, capazes de conduzirem seu próprio destino.

Mesmo que a natureza humana esteja fadada ao fato de que pelo menos um homem esteja no comando, “ao menos um não castrado”, sua morte é certa. A sociedade fraterna, ainda que dele precise, cuidará para que sua impostura seja revelada. Tudo para que o lugar de exceção permaneça vazio.

O declínio da autoridade em nossa sociedade é analisado, entrando a fundo na discussão do termo *autoridade*. Não há dúvida de que autoridade é confundida com tudo aquilo que promove obediência, função que é idêntica, por exemplo, à da força. Entretanto não é disso que se trata, pois onde a força é usada, a autoridade em si fracassou. Cabe, então, um outro princípio: onde se utilizam argumentos, a autoridade é colocada em suspensão. É nesse intervalo entre violência e persuasão, poder e coersão, coersão e argumentação, que a noção de autoridade se situa. Ao que parece, é o seu caráter intervalar que lhe dá sentido.

Segundo o autor, as teorias pedagógicas ao contribuírem para colocar em suspensão parte da autoridade do mestre, parecem tê-la abandonado. Quando ocupa a função de professor, rapidamente é confundido com um facilitador, não diretivo, construtivista, em contraposição ao autoritário, sabe-tudo, centralizador. O declínio da autoridade gera dispersão discursiva e, no caso da ordem pedagógica, faz emergir o que se pode chamar de “maternagem”.

No sexto e último capítulo, intitulado a *impostura do mestre*, Marcelo finaliza sua tese apontando que o mestre possa se estabelecer numa ética em que seja possível que ele não precise se afirmar como um sujeito que nada sabe, nem tampouco afirmar o contrário, o que tudo sabe. Possa se fazer de “lugar de passagem”, eis que se pode traduzir como a ética do provisório.

Todo mestre, todo professor, todo governante, se insistir no prolongamento injustificado de sua função ou no seu igualamento ao pai primeiro, o máximo que forjarão para si é o lugar de paródia, ocupando a posição de impostor. Como saída, é proposto o ato de ensinar sendo muito mais provisório do que absoluto, muito mais contingente do que necessário, muito mais circunstancial do que necessário.

Marcelo finaliza apresentando o enigmático cachimbo de René Magritte, pintado sobre a frase: *Ceci n'est pas une pipe* (Isto não é um cachimbo). Metaforiza tal imagem comparada ao lugar do mestre. O cachimbo desenhado que flutua tão visivelmente sobre a cena não passa de um desenho, assim como mestre ele é apenas uma prótese, é provisório. “Um mestre nunca é o derradeiro, ele é apenas uma passagem, uma dobradiça, através da qual se abre a janela a incitar os tantos outros conduzidos à travessia” (PEREIRA, 2008, p. 203).

As queixas que permeiam o cotidiano escolar, os consultórios e até mesmo os noticiários podem ser pensadas a partir de um outro lugar, à luz do

**Marcele Teixeira Homrich**

referencial psicanalítico. O autor não dá receita e nem oferece soluções, mas adentra no complexo campo teórico sobre o declínio da função paterna e reflexos deste na educação. Mais uma possível interlocução entre psicanálise e educação, possibilitando pensar esse campo teórico para além da prática clínica. Marcelo possibilita pensar a posição do docente em um lugar de nem tudo saber, nem tudo não saber, abrindo espaços para que o aluno possa se fazer sujeito.

### **Referência**

PEREIRA, M. R. **O avesso do modelo**: bons professores e a psicanálise. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

### **Correspondência**

**Marcele Teixeira Homrich** – Rua Marques Tamandaré 712, apt. 401, CEP: 98802-540 – Santo Ângelo, (RS).

*E-mail*: celehomrich@ibest.com.br

Recebido em 02 de setembro de 2009.

Aprovado em 08 de maio de 2010.